

Runa

Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos

A Áustria de 1945 aos nossos dias

Antologia literária bilingue
Estudos de literatura e cultura
Entrevistas

23-24

1995

Lugares

Tradução de Maria António Ferreira Hörster

Centro da cidade, Viena

Algo vem à lembrança. Não se apressa e não vira ao lado como os carros que deixam o Stephansplatz para entrar numa rua lateral, vira como a própria rua, tem em si lojinhas de botões e cafés, desvela e oculta muita coisa, dá a ver as montras e tudo o que está para a frente, e deixa na sombra os armazéns. Sei dos bolos de chocolate, da boda do Joachim e da Anna, que o esquecimento envolveu, da Travessa dos Judeus, em que o vento se insinua. Assim o céu nos acode.

Deixem, deixem o Sol esmorecer à vontade! Há lã e sapatos para comprar nas ruínas laterais. E uma escada estreita, coberta de erva, que desce.

Os lugares que os nossos olhos olharam olham-nos a nós.

Philippshof

Até na Sexta-Feira Santa as galerias estão ao sol, e todos podem olhar através de janelas fechadas para dentro de janelas abertas, os pássaros cantam ainda. Só mais tarde os quartos se avolumam, porque ficaram vazios, o tinir dos pratos no vestíbulo cresce até à surdez, a hora a que ninguém chegou torna-se comprida. Só mais tarde o céu se alarga.

Quem irá, quando estalar a cobertura doce dos cordeiros pascais que ninguém comeu, quem irá querer ainda os

Bäcker schuld? Wer wird die Schuhe noch vom Sohlen holen? Waren es die Schuster, die sich verspätet haben? Oder die Schmiede, die zu lange Nägel schlugen? Niemand war es, aber der Tag ist da. Aus aufgerissenen Fenstern kann jedermann nur mehr geschlossene sehen, sie spiegeln. Durch aufgerissene Flügeltoren drängen, an den Möbelwagen vorbei, die kleinen Kinder. Die Schwalben haben ihre Nester verlassen. Es gibt jetzt keine Sonne mehr, die sich verfinstern könnte, und keinen Mond am Himmel.

Sorgfältig gegen das Zerreißen geschützt liegen in den Kisten die Tempelvorhänge.

Judengasse

Katzenköpfe. Was unsere Straßen schmückt, sind nicht mehr die Schädel der Opfertiere. Unser Stolz ist vergangen.

Hinter unseren Gängen ticken die Uhren ins graue Licht. Junge Männer fragen lächelnd nach unseren Wünschen. Da rauscht kein rotes Meer.

Nur unsere Wäsche trocknet noch im Ostwind.

Es ist geschehen, weil wir die Nacht nicht abgewartet haben. Als die Sonne unterging, sind wir ihr nachgezogen.

Und hier ist die Stelle, an der wir müde wurden, hier bauten wir Häuser. Hier ging die Sonne unter, hier krümmten wir uns, ohne uns zu beugen.

Seither wächst Gras zwischen den Steinen.

In *Akzente* 34 (1987), H. 5, S. 385-386.

© 1987 Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main. Abdruck erfolgt mit Genehmigung des S. Fischer Verlags GmbH, Frankfurt am Main.

seus corpos? São os padeiros que têm culpa? Quem trará ainda os sapatos que foram a pôr solas? Foram os sapateiros que se atrasaram? Ou os ferreiros que se atardaram a malhar os pregos? Ninguém, não foi ninguém, mas o dia está aí. De janelas escancaradas, agora todos já só podem ver janelas fechadas, que reflectem. Pelos portões escancarados, roçando nos carros de transporte de móveis, precipitam-se as crianças. As andorinhas abandonaram os ninhos. Agora já não há Sol, que possa escurecer, e já não há Lua no céu.

Cuidadosamente protegidas para que se não rasguem estão guardadas nas caixas as cortinas do templo.

Travessa dos Judeus

Calçada de pedra em “cabeça de gato”. O que enfeita as nossas ruas já não são as cabeças dos animais do sacrifício. O nosso orgulho dissipou-se.

Detrás dos nossos corredores irrompe o tiquetaque dos relógios para a luz parda. Homens jovens perguntam sorrindo o que desejamos. Nenhum mar vermelho faz ouvir o seu rumor.

Só a nossa roupa seca ainda ao vento leste.

Aconteceu, porque não aguardámos a noite. Quando o Sol se pôs, fomos no seu rasto.

E aqui é o lugar em que sentimos o cansaço, aqui erguemos casas. Aqui o Sol se pôs, aqui nos dobrámos, sem nos curvar.

Desde então cresce erva por entre as pedras.